

DE MEMORIAL A MEMORIAL

Elias Ribeiro Pinto
Jornalista

"De um homem, de alguma coisa de natural e esquivo, de familiar e incompreensível, fazem um boneco de bronze, rígido e definitivo, sem mistérios como sem fraquezas". No início da sua já clássica biografia do autor de *Quincas Borba*, Lúcia Miguel Pereira anunciou-nos o propósito de revelar fatos aquém e além da efígie machadiana e acena, em contrapartida, com o burburinho do que poderia ter sido, "o movimento, o desalinho, o calor da vida". A obra cosida ao vivo, criaturas e criador interseccionados no corte geográfico da ficção, paragens e ocorrências, os anúncios subentendidos na linha do texto. Os claros enigmas que Machado legou aos pósteros.

Memorial do Fim (A Morte de Machado de Assis), (Editora Marco Zero, 185 páginas), o mais recente romance de Haroldo Maranhão, escrito com atiladas incisões de mestre — cirurgião, remete-nos ao que pode e o que deve esta língua, assinando-se sob e por entre a rubrica do gênio que desceu do Morro do Livramento e fincou estátua sobranceira nas letras deste imenso e atlântico país lusófono.

Porém, a exemplo de Lúcia Miguel Pereira, não é a estátua que interessa a Haroldo Maranhão. À beira da morte, na rememoração fruto do estertor, Machado de Assis, ou melhor, Conselheiro Aires, despede-se da vida entres sombras amigas, com umas convidadas no carteado e no cotidiano, outras emergentes das páginas onde deitou seu nome de autor. Na prosa haroldiana, o timbre narrativo, sinete em palimpsesto, incita-nos aos labirinto onde em cada galeria reflete a dedalica figura do Bruxo do Cosme Velho. Há um Borges tihoso e mordaz espreitando-nos em cada fecho capitular do *Memorial do Fim*, muitas vezes, notará o leitor, sob a obsedante missão de Pierre Menard, construtor infatigável e mimético, até mesmo na citação *ipsis verbis* de trechos da obra do mago Machado, tal e qual *magister dixit*. Ao leitor aflito, o *post-scriptum* socorre: "Foram armadas" estes capítulos, esclarece Haroldo, "como se arma um *puzzle*, utilizando-se excertos de Machado de Assis de cada qual dos seus primaciais romances", Citação incidental, musical.

Mas o leitor espera de uma resenha o pão-pão, queijo-queijo. Pois bem. Já sabe, creio, que *Memorial do Fim* é uma narrativa da morte de Machado. Ao iniciar a leitura, o leitor pode sentir um estranhamento, pé ante pé conferindo as profundezas do riocorrente por onde navegará. Calma. Haverá sempre uma Ariadne para guiar o distinto, a linha do texto desenovelando-se conforme avança a leitura, até que todos os recantos iluminem-se. Na abertura do romance, acompanhados do conterrâneo José Veríssimo, somos conduzidos ao interior do sobrado onde expira Machado. Ali, no gabinete do rés-do-chão, repousa o prometido às Parcas. Dona Carmo-Fidélia-Carola-Carolina foi-se há quatro anos. Estamos em 1908, setembro; Machado, aos 69, aguarda o crepúsculo.

A estrutura do romance, em curtos capítulos, busca alcançar a forma do romance machadiano, cúmplice da linguagem do mestre. Os títulos de cada capítulo antecipam o espelhamento linguístico, presente no texto, idas e venidas que a narrativa propõe, ao gosto da paródia, erguida à sombra da constelação machadiana. O laico e o sagrado à quase identidade. *Opus incertum*. Na pretendida busca do andamento e linguagem da narrativa do criador de *Esaú e Jacó*, Haroldo Maranhão, perfeccionista obsessivo, abandonou o uso do microcomputador. Ambicionando um ritmo vagaroso, retornou a escrita à mão. "Ideal", explica o autor, "teria sido escrever o romance como escrevia Machado, qu seja, à caneta daquelas antigas, de molhar a pena no tinteiro. O ritmo seria aquele, sem nenhuma aflição, sem nenhuma pressa de perder o bonde, porque depois vem sempre outro bonde".

O leitor contumaz de Machado, reconhecerá aqui, ali e acolá a prosa que imortalizou Brás Cubas, Quincas Borba e Bentinho, homenagem maior a que pode almejar um escritor, "conversa de papel para o papel". Machado assinaria embaixo. De memorial a memorial, do fim e no fim, Aires. Sob a pátina, no processo mesmo de oxidação que a língua repudia, fluoresce o Haroldo Haroldo, sinais que recolhe boiando no tempo (que é do tempo?) e transmigra a nossos olhos contemporâneos, o que valer a cada um traduzir e dar corpo: lá, no tempo recorrente a Machado, a escritora Abel Juruá; aqui, Perpétua Penha Nolasco, ou melhor, Paulo Jatobá, e agora referenciando a olhos conterrâneos, paraoaras, Lindaflor, irmanadas na infame captura do tutelar prefácio do Machado moribundo, transtemporal. Eles que se festejam no festim da linguagem. Imagem do que foi e permanece, no Rio do início do século, em Belém, em Paris... O leitor nada entende? Enigmas, mistérios. Machado os plantou. Haroldo atiga-os com o adubo inventivo da recriação.

Temos ainda o Machado viçoso, sátiro, quase setuagenário, dono de capitulares olhos dissimulados, ciganos, Casmurro às avessas e no entanto, casmurro de fachada. Mais uma vez, sob o prenominar hieroglífico, surge Marcela-Hylda-Hilda-Leonora, jovem leitora do mestre ao qual consagra, *in extremis*, dedicada paixão, vestida nas roupas enganosas de Fidélia. À porta da indesejada das gentes, o conselheiro sibila o que o poeta cantou: "Leonora". "Aguiar sem Carmo é nada?".

Aos íntimos da prosa do escritor maior da nossa literatura, *Memorial do Fim* deve ser lido tal qual degustativo vinho, aos goles sábios e prazerosos, cada gole trazendo nos lábios o saber do sabor, ou vice-versa. Torna-se quase irresistível retomar Machado, acumpliciá-lo à narrativa de Haroldo, ou vice-versa. E se mais não fosse, aqui o romancista paraense já se daria por satisfeito. Os neófitos em Machado poderão ler o presente *Memorial* com a alegria do descompromisso, o que também é uma felicidade.

Mas o leitor pode passar pelo romance como o delegado parisiense, no conto *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe, passava pela carta em questão, sem lograr encontrá-la em escondos lugares apropriados a esconderijos, quando todo o tempo estava à sua vista, albergada no mais visível ponto. Armado da clara intuição de Dupin, o leitor perceberá no *Memorial do Fim* que a linguagem, a língua portuguesa, é esgrimida com raro artesanato, torneada em fina lavratura. Haroldo Maranhão domina a escrita pátria com mefistofélico aparato, fausto, dom e danação. "O à-vontade de cima mudara em constrangimentos no gabinete do rés-do-chão"; "ela cerziu de pronto o rasgão pequeno da inconfidência"; "no garbo outonico do quarenta"; "que sabemos do organismos vivos e esfaimados que nos roem internamente?"; "houve quem não conseguisse esconder a compaixão, a desolação, e mesmo o horror pela decadência abrupta, patentes nos olhos visitantes, espelho que não desfoca nem fraude"; "o tempo ministerial não se vai perdulariamente, não se faz em farinhas"; "o poder causa alvoroços e causa febres; não causa danos outros particulares, senão públicos, e opera ressurreições, atiga defuntos, recoloca-os sobre os sapatos, fá-los caminhar"; "não se deseja amputar o relato, como um calo"; "o asco cerrou-lhe rosto, de um gaio passando a cenhoso"; "relâmpagos gizavam o céu"; "os olhos vazam mel e minam fel"; "dias depois está-se lampeiro e patusco em Paris"; "a glória é um licor; o licor é um gozo; o gozo é gozo, uma festa, o céu, as luzes todas acesas"; "mudam-se as lágrimas de acordo com a qualidade da mágoa". Torno a dizer: Machado de Assis não assinará embaixo?

Por sua vez, o narrador do romance pratica com maestria ubiquidade. É leve, feito epígrafe, transferência da palavra do narrador para o Machado- Conselheiro. Até mesmo a digressão, recolhido em Machado, que a recolheu em Stern, está lá, vicejante. Como já afirmei, após o impacto do estranhamento, o leitor, frente ao romance, vai juntando os fios narrativos, vai limando liames, gozando os gozos da narrativa exemplar. Agradece à elíptico Ariadne. *Memorial do Fim* funciona como uma epífrase à obra de Machado. O que parecia concluído ganha agora sua continuidade. Pena que parte da imprensa papoxibé tenha calado à recente passagem de Haroldo Maranhão para Belém. Foi mais prova de sua indigência paroquial.